

Echos de Guimarães

Director e Editor, Antonio de Carvalho Cyrne
Administrador, Antonio Dantas
Redacção e administração,
Rua do Payo Galvão, 70

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Propriedade da Empresa
DOS
Echos de Guimarães

Officinas de composição e impressão
Typographia Minerva Vimaranesense
68, Rua de Payo Galvão, 72
GUIMARÃES

A ADMINISTRAÇÃO REPUBLICANA

As receitas orçamentaes do Estado cobradas e os fundos sahidos, para pagamento das despesas publicas, nos mezes de julho a abril de 914 a 915, foram as seguintes:

Receitas—65.383:294\$230. Despezas—79.454:605\$030.

Houve portanto um excesso de despesa sobre a receita de 14.071:312\$230.

Eis aqui um "superavit,, em que, com certeza, o snr. Afonso Costa não fala!

TERRA DE CANNIBAES

Cedemos hoje o logar ao nosso collega a «Vanguarda», companheiro na desillusão e na descrença de que isto possa mudar, a não ser, o que a muitos poderá parecer inverosímil—para peor.

Muito mais eloquentemente do que o poderiam fazer as nossas palavras, fallam os factos; e a narração da sangrenta brutalidade de que foi victima o honrado republicano Dr. João de Freitas, é o mais formidável libello que possa fazer-se contra a ré publica, que nos empobrece, opprime e envergonha.

Confrange-se o coração ao pensar que a scena de selvageria que vae ler-se se passou aqui, neste canto da Europa, neste jardim de Portugal, na terra em que as mulheres eram as mais amovaveis, em que os homens eram os mais valentes na guerra, os mais mansos na paz e os mais leaes sempre, em todas as occasiões.

Revolta-nos a consciencia de homens livres o pensarmos que impunemente se calcaram todas as leis da justiça, da civilização, da humanidade.

Enoja-nos pensar que, emquanto com um pulha que levou um tiro, de que afinal não morreu, tudo andou numa roda viva, pretendendo ser cada um o primeiro a prestar serviços e render homenagens, com um homem de bem a quem a canalha fez, o que com razão só se faria a um cão damnado, não só a auctoridade o não defendeu como lhe cumpria, como nem sequer prendeu, um só que fôsse, dos barbaros e cobardes assassinos.

E como se isto fôsse pouco, nem ao menos as ultimas homenagens se prestaram á victima de tão desalmados selvagens, ao martyr d'uma ideia generosa— a felicidade dos seus concidadãos—atirando-o como se fôsem os despojos miseraveis d'um irracional, para o fundo d'uma valla ignorada e desprezível!

Ah! se ha cinco annos se faria isto em Portugal! Como tudo está mudado! Como tinha razão Camões quando dizia:

.....
... é certo que co'o rei se muda o povo!.

Tem a palavra o snr. Astrigildo Chaves:

«Não me foi difficil, manhã cedo, topar no villorio affonsino ou formigal, quem me guiasse aos locaes por onde o martyr conduziu a sua cruz, e me narrasse a tragedia do supplicio.

O dr. João de Freitas, após despejar as cargas do revolver, entrega-se á prisão, confiado, apesar da sua descrença, que ainda haveria leis capazes de lhe proteger a vida. Mas tal não houve como não ha de ha muito, dizia-me tristemente o guia.

As feras bravas cahem sobre a victima

Mal soaram os tiros, os habitantes da pequena povoação, na maioria partidarios do Ligorio, accorreram á gare em sobressalto.

Informados do que havia, e depois de uivarem as mais rudes e cruéis imprecações ao preso, rodeado da guarda-fiscal, correm ao villorio a armar-se do que apanham á mão ou lhes segreda o instinto cafre: revólveres, bombas, punhaes, cacetes. E começam o supplicio. Primeiro aggridem-no á paulada.

A' volta da força que o rodeia, em furia canibalesca, d'entre berros selvaticos, uivam alvitres de martyrios.

—Vamos enforcá-lo, — rosna um.

—Cortemo-lo ás postas, — ruma outro.

—Decepem-se-lhe os pulsos. Tirem-se-lhe os olhos...

E como mais força chegue e persista, *apparentemente*, defender o preso á furia homicida dos brutos, improvisam-se chuços, de navalhas atadas á ponta dos varapaus e vá de picar, por entre os soldados, e até com o consentimento de muitos d'estes! o corpo do homem.

O sangue escorre-lhe do peito e do rosto. O chapéo voou-lhe de ha muito.

Com a cabeça descoberta, as mãos na algibeiras da vestia, elle soffre, sereno e impávido, o seu martyrio. Uma paulada, vibrada em cheio, fractura-lhe o craneo

no frontal, d'onde jorra a massa encephalica. O doutor cahe. Erguem-no. Pede agua. Expludem gargalhadas.

Dura já uma hora o infame supplicio. Apresentam a agua pedida. Era vinagre. O doutor molha os labios e sorri.

Na villa, as mulheres, choram de pavor. Sabem que, na gare, os maridos, os filhos, os irmãos, de que ouvem a grita feroz, assassinam um homem indefezco.

Que horror não devem sentir ainda hoje, ao olhar-lhes as mãos, que se crispam como garras e que lhes parece ver ainda vermelhas do sangue da victima?

O coup de force. Quando tentavam acabar-lhe a vida, já era cadaver. A rapina. O enterro miseravel

Quando levaram o pobre doutor para a sala de 1.ª classe, agonizava. Já não se podia ter em pé do sangue perdido. Estava moribundo. Ninguém appareceu para lhe estancar o sangue, sequer um improvisado penso.

A massa encephalica e o sangue, corriam-lhe pelas faces, dando-lhe aspecto horroroso e terrivel. Passadas quasi duas horas de torturas infames e quando seria já cadaver é que partiu o tal tiro, que nem ha certeza de lhe haver acertado. Ainda que acertasse, mataria um... morto, lynchado pelo povo em pleno seculo XX!

A sala mortuaria do honrado doutor foi um misero wagon de gado, coberto de detricos, imundo. P'ra'li o conduziram depois de o despojarem de todas as suas joias e dinheiro, — uns poucos de anneis de brilhantes, alfinete de brilhantes, corrente e relógio de ouro e ali esteve até que o foram deitar para um vallado!

Então não foi para o cemiterio? Não foi seguida sequer uma das praxes legaes.

Nem certidão de obito. Num assomo de desprezo para o ser humano, indigno e reles para quem o ordenou, contractaram um pobre vendedor ambulante de peixe por 500 reis, para o levar na carroça putrida e nauseante e deitar o cão, o esterco, a fera p'ra onde calhasse!

Infamia das infamias. Crime de scelerados, cahindo como um labéu de ignominia sobre um povo que se encharca e se afunda em lama, porque quer.

Ninguém ainda teve alma de se erguer em vigoroso protesto contra este crime colectivo.

Cobardes e miseraveis todos, sr. director.

Lisboa, 23 de junho de 1915.

Astrigildo Chaves.

J. A. MOREIRA D'ALMEIDA

A nostalgia da patria novamente trouxe á selva lisboeta este nosso querido e venerado amigo, incomparavel jornalista e grande homem de bem.

Cumprimentamos reverentes o vigoroso campeão da ideia Monarchica, em cujo serviço tem empenhado corajosamente todas as suas facultades e toda a sua energia, e fazemos votos porque saia incolume da audaciosa empreza de atravessar as ruas de Lisboa, mais perigosas para a gente honesta, do que a selva africana ou do que os canaviaes da India.

Banquete de Confraternização

Só muito tarde nos chegou ás mãos o penultimo n.º da «Alvorada» de 1 de julho, o que nos impediu de lhe fazermos no nosso numero anterior os comentarios que merece, a proposito do banquete da Penha e seus discursos.

Não perde com a demora, pois que os motivos dos nossos reparos, sendo o pão nosso de cada dia da democracia, são sempre novos e frescos. Sobretudo, frescos.

Sem nos determos muito nas habituaes sandices lá bolsadas já agora com foros de lugares comuns, das maldições á dictadura Pimenta de Castro, essa obra de ignominia e traição (traição!!! como se isto fôsse d'elles!) e da certeza de que foi para todo o sempre arrancada até ás raizes, a ideia idiota de um restauracionismo monarchico; sem commentarmos os elogios mutuos aos talentos presentes e a glorificação dos ausentes, quer em abstracto, quer em face dos prodigios que tem praticado; sem perdermos tempo em lhes ensinar a differença que pode haver entre arre-matar um par de botas e rematar um discurso; sem fazermos reparo na esquisitice de um banquete em que os frangos, como os actores de revista, desempenham na mesma peça varios papeis, entraremos no assumpto que nos obrigou a pegar na penna, sentindo que ella, em logar de ser uma reles canneta de pataco, não

seja a rija clava de D. Affonso Henriques com que pudessemos fulminar quem faz gala em paten-tear, provocadoramente e sem pudor, a sua deslealdade á patria que jurou defender, e a sua deslealdade ao rei que jurou servir.

Referimo-nos a um snr. Major, que assistiu ao banquete e á refrega entre o senso commum e a grammatica, unicas coisas que o poderiam affectar se tivesse olhos de vêr taes ninharias, porque com o resto bem identificado elle se achava.

Disse o snr. Major no seu discurso, que por signal não foi arrematado por ninguem apesar de todo o mundo o achar optimo:

«Como cidadão e como militar que ama a sua Patria e a quer ver engrandecida na Republica, muito do coração agradece as saudações ali feitas ao exercito, que é hoje, sem duvida, uma força viva da nação, nela se encontrando integradada pelo seu sentimento patriotico e civico—a mais saliente caracteristica do soldado portuguez. Pondo o seu esforço de militar ao serviço da causa da Republica, sabia assim cumprir com brio e com honra o seu dever e fé jurada, pois estava certo que para bem curar dos males que affligiam a terra portugueza, cuidando implicitamente do seu futuro e da sua independencia, necessario se tornava fortalecer o regimen republicano, duas vezes heroicamente proclamado.»

Como cidadão que ama a sua patria, o snr. Major entende que a sua primeira obrigação é filiar-se no partido que é a mais absoluta negação da honra e do patriotismo; no partido em que os seus dirigentes não escrupulizam em fabricar leis especiaes applicaveis a casos particulares de interesse pessoal; no partido que não duvida metter o paiz na conflagração europeia e com a mira em tirar de tal facto vantagens materiaes em proveito de alguns amigos; no partido que sob a tableta do liberalismo e da legalidade, é a negação absoluta de uma e de outra coisa.

Mas o snr. Major sendo, como cidadão, adepto d'este partido, estava no seu direito de lhe cantar dithyrambos— gostos não se discutem— mas como militar, é que não está no direito de dizer em publico que pondo o seu esforço de militar ao serviço da republica, sabia assim cumprir com brio e com honra o seu dever e fé jurada.

E o seu juramento de defender o rei e a Patria, juramento que ninguem o obrigou a fazer, mas que a sua dignidade lhe mandava cumprir? Quem o desligou do juramento ao rei? Como é que

defende a Patria, que essa facção que serve, a mais odiada e execrada de quantas se implantaram dentro d'esta republica, cada vez arrasta mais para a beira do abismo?

Como pode o snr. Major pegar na sua espada, virgem provavelmente de qualquer contacto com inimigos da patria, sem pensar que ella, apesar de muito brilhante e limpida, não pode reflectir a sua alma, como a dos seus honrados camaradas, aquelles a quem o partido que o snr. Major serve, exautorou e tirou o pão?

Como pode o snr. Major conciliar no seu espirito a defeza da Patria, com a defeza das instituições, que aviltam e empobrecem essa mesma patria?

O snr. Major, ao fazer o brinde que se julgou obrigado a fazer, lembrou-se porventura dos seus camaradas assassinados por inferiores seus, que lhe deviam respeito, obediencia e protecção? E se se lembrou, lembrar-se-hia tambem porventura de que se elles o fizeram, é precisamente porque o partido que serve, de tal modo fomentou a indisciplina no exercito que nenhum official, nem mesmo o snr. Major, que é do partido, está livre de ser amanhã, hoje mesmo, desfeito por um tambor, e que o snr. Major terá de tragar a affronta, terá de ficar com os seus galões tão brilhantes e as suas dragonas tão vistosas, enlameados, sem os poder limpar nunca mais?

Disse o snr. Major que o exercito é uma força viva da nação. Queremos crer em homenagem á illustração que todo o official deve possuir, que a lingua lhe não obedeceu ao pensamento, aliás não iria confundir um elemento de ordem, de defeza, de disciplina, com os elementos de progresso, de riqueza e de civilização; do contrario acharíamos sem esforço o segredo da sua conformidade com o existente, cujo é, o proveito material que a profissão lhe dá; mas então, a sua espada não é de um patriota, a sua espada é a de um mercenario, que se aluga a quem mais der.

E é porque ha officiaes d'estes, a quem os proprios partidarios chamam *cabides de farda a arrastarem inuteis durindanas*, que o «Morning Post», jornal inglez, que o patrão do snr. Major quer arrastar na orbita da sua politica, diz:

Certamente esse governo (o portuguez) não se lembrará de enviar para colaborar com as tropas inglezas, soldados que assassinam os officiaes e bombardeiam as casas indefesas da sua capital.

Desembainhe a sua espada snr. Major, em cuja limpidez tão complacientemente se mira, e com ella ajude a limpar o exercito e a patria d'esse enxovalho, e depois sim, depois poderá falar em honra e

brío militar, e apropriar-se essas virtudes.

Ou então, se isso fôr superior ás suas forças, despendure-a da cinta, prive-se dos proventos que o encargo de a arrastar lhe traz, e siga o caminho de alguns seus camaradas que estão no exilio diminuindo em carnes, mas crescendo em prestigio e fazendo enraizar no espirito de estranhos a ideia de que Portugal não é felizmente um paiz só de covardes e poltrões, só de vendidos e traidores.

O que elles... dizem!

Da «Vanguarda»

Chamamos nova dictadura ao actual estado de coisas politico, para não lhe chamarmos—continuação da dictadura—não dá dictadura do illustre general Pimenta de Castro. Sim, porque o anterior periodo legislativo outra coisa não foi, se não uma descaradissima dictadura parlamentar, que como tal manteve nos seus «fauteuils» os paes da patria que ha muito tinham cessado o mandato para que foram eleitos. Este foi o mais escandaloso acto da dictadura parlamentar que findou. O ataque á constituição consentido no parlamento o heroe de Rodam e outros, são de mediocre importancia, se attendermos a que, tudo quanto de desprestigiado para a Republica e vexatorio para o Paiz se passou em S. Bento, foram consequencias do desmoralizado procedimento dos paes da patria tão aferrados aos 3333.

O mal estava feito. O peor foi que, com o anterior parlamento, não tivesse cessado essa ignobil dictadura parlamentar, que, como disse o sr. Aresta Branco, é a peor das dictaduras. E foi por isso que o seu partido contribuiu em grande escala para ella na anterior legislatura.

O certo é que, embora pareça mentira que assim se tripudie o nome do povo, em dictadura parlamentar nos encontramos já e ainda não vão longe os echos do foguetorio e vitorio eleitoraes.

De facto, os democraticos, qualquer que seja o resultado das eleições ainda não realizadas, ficam com uma grande maioria parlamentar; mas isso não obsta a que reputemos de gravissima irregularidade o facto de o parlamento estar funcionando antes do resultado final das eleições. Isto demonstra cabalmente a voracidade democratica. A vida está cara...

Pediu a Inglaterra gente? Onde se encontra tal pedido? No ministrio competente? Em que condições está esse pedido feito? A imprensa adepta da guerra faria mais bonita figura, documentando a sua campanha com o proprio texto de tal phantastico «memorandum» inglez. Assim, simplesmente demonstra e convence o publico de que a tal historia do pedido de gente não é mais do que uma ignobil *chantage* que a propria imprensa allemã aproveitou, e muito bem.

Do Diario de Noticias:

Durante os dez mezes de guerra as duas potencias aliadas perderam approximadamente cinco milhões de homens. Seja qual fôr o valor dos guerreiros sobreviventes, nesta povorosa hecatombe, e admitindo mesmo que não ha no mundo mais perfeita organização militar, nem melhores generaes, nem mais habéis estrategicos do que os von Hindenburg, os von der Goltz e toda a pleiade brilhante dos grandes chefes a quem o Kaiser confia os destinos da patria, cinco milhões de homens sacrificados, antes da victoria, representam para o paiz uma diminuição de força, sobre a qual é licito reflectir, ao cabo de dez mezes de guerra. Porque enfim é mais facil fabricar obuzes e metralhadoras, submarinos e torpedos do que fabricar soldados.

Da Republica:

O partido democratico só compromette a nação, só nos pode levar ás peiores coisas. Não ha duvida. Vão no entanto as culpas para os que as tem, para os indifferentes, para os que no dia 13 de Junho ficaram em casa. Em poucas horas, pacificamente, legalmente tinham-se apeado do Governo. Não quizeram. Queixem-se só de si, do seu indifferentismo que é um crime de lesa-Patria porque pode levar-nos a todos ás mais amarguradas e angustiosas horas.

De O Paiz:

Estamos a quasi dois mezes de distancia do gabinete Pimenta de Castro aluido por uma revolução que inscreveu no labaro do seu programma a restituição das imunidades á vida do regimen.

Pergunta-se, pois, muito naturalmente o que tem feito nestes dois mezes de governação, os ministerios derivados da revolução de 14 de maio, a bem da pureza das doutrinas democraticas ou para prestigio da nossa patria, que os inimigos do gabinete deruido, diziam proxima a deslustrar-se?

Que nós saibamos, só um fac-

to lograram effectivar: e esse foi a realização das eleições, sob a suprema fiscalização.

De resto nem uma só providencia de vulto, nem um só diploma de importancia, nenhuma medida que pozesse a nação a coberto dos vituperios que lhe auguraram, ou que desse á Constituição Republicana, que elles diziam enxovalhada, a menor sombra de lustro ou de justiça. Uma taboia raza!

O governo quer continuar-se o engano em que o imbuiu o povo portuguez, e o snr. dr. José de Castro convenceu-se que, bastariam meia duzia de palavras adocicadas, para essa imprensa esquecer a grande missão que lhe incumbem, passando a dizer cousas vagas, encomiando a obra do actual governo, como se o fizesse a um elixir. Nós não fazemos esse jogo, porque elle é anti-patriotico e incompativel com a nossa missão de opposicionistas intransigentes, utucando sempre de frente o actual governo, que consideramos incompetente, absoluta e inteiramente incompetente, absoluta e inteiramente incapaz de dirigir os destinos da nossa nacionalidade, num momento tão grave da sua existencia social.

Medite-se...

Queira o leitor deliciar-se com isto que o *Paiz*, orgão republicano de Lisboa, transcreve do *Morning Post*, o principal orgão do partido conservador inglez e um dos mais cotados do imperio britannico.

Reza assim, no seu numero de 29 de junho, o jornal inglez:

No discurso que dirigiu aos manifestantes o snr. Carnegie, ministro inglez, pôs bem em evidencia dois pontos:

1.º—Que a manifestação devia ser considerada como a expressão de opinião do povo portuguez e não a dos democraticos.

2.º—Que a sympathia do povo portuguez pela Gran Bretanha nunca foi posta em duvida desde o começo da guerra, incluindo portanto o periodo da dictadura, falsamente apodada de germanophila.

Durante a guerra, a Inglaterra não pode tratar questões subalternas, e os democraticos portuguezes tem que ficar entregues a si mesmos, circumstancia de que aliás elles tem usado durante os ultimos dez mezes.

Ao mesmo tempo os inglezes não estão resolvidos a abandonar a sua tradição de muitos seculos para sustentar ou acatar a in-

justiça, mesmo quando ella comsiga ser victoriosa.

O presente governo representa apenas uma diminutissima minoria do povo portuguez e a primeira condição para que qualquer auxilio na guerra possa ser aceitavel para a Inglaterra, deve ser que o General Pimenta de Castro e os outros presos sejam transportados para Portugal, postos em liberdade e reintegrados no exercito.

Se Portugal tiver que tomar parte na guerra, em quaesquer outras condições, haveria pela primeira vez uma mancha na grande causa pela qual os aliados combatem, e que é precisamente dirigida contra os methodos pelos quaes os democraticos galgaram o poder.

Não se sabe geralmente na Inglaterra que a Dictadura só o era in nomine e que mesmo assim só devia durar mais três semanas pois as eleições geraes tinham sido fixadas para 6 de Junho.

Que tal?! Querem ver que, como diz o *Paiz*, o *Morning Post* hoje, e o *Times* hontem, estão vendidos ao Kaiser ou são redigidos pelo Padre Cabral, dos Jesuitas?

E já que nos desvanecemos com a finura de ter posto de mólho o supposto discurso do snr. Carnegie e o caso da censura dos telegrammas de D. Alice, ahi vae uma prophécia de quem esteve na Inglaterra, na França e na Belgica: se o governo teimasse em mandar tropas para a guerra, o nosso exercito soffreria um enorme vexame... Mas não manda, verão!

E que dizem a isto os taes que juram que foi, para todo o sempre, arrancada até ás raizes a ideia idiota d'um restauracionismo monarchico?

O 14 de maio

O democratico e mais que insuspeito *Seculo* contando, na sua edição nocturna de 7 do corrente, a fuga do «Principe» e alguns companheiros da cadeia d'Almada, diz que quando chegaram ás alturas de Palmella e ouviram os primeiros tiros d'aquelle movimento revolucionario:

Retrocederam immediatamente e vieram até ao Barreiro, onde, com grande difficuldade, alugaram, por um escudo, um barco que os conduziu ao Caes do Sodré, dirigindo-se d'aqui para o Arsenal da Marinha.

Um official a quem pediram armamento, teve certa relutancia em acceder aos desejos do «Principe», mas como lhe provasse que sabia manejar uma espingarda, pois foi soldado, entregou-lhe ar-

CONTOS

UM AMOR

(Ao meu sonho...)

Os ultimos reflexos da tarde davam uns tons de sanguinea ao pequenino gabinete renascença. Não se ouvia alli um zumbido que tolhesse a mansidão d'aquelle aposento de casa antiga... Os reposteiros escatlato-escuros, cortidos hermeticamente não deixavam chegar dos criados da quinta... Tudo era silencio! E Reinaldo, junto a uma janella com o busto esguio sobre o parapeito, olhava melancolicamente os campos que se illuminavam com os ultimos clarões d'aquella tarde de Junho...

Para elle, alma de artista, nada lhe falava mais d'ella que um poente... Tinha-a visto ao entardecer quando o sol baixavainto de sangue no fraguado, entre uns pinheiros mansos, que como grandes

cogumelos, via ainda ao longe nas serranias...

O pôr do sol trazia-lhe recordações e elle vivia mais para a noite, para o indefinido... Nessa tarde ao passar, não o quiz interromper nesse cogitar immenso, nesse recordar doloroso... Passei abafando as minhas passadas na relva do atalho, batendo-lhe de mansinho á porta do seu quarto de estudo... Um reposteiro escarlato se levantou para mo deixar ver esqualido, tendo a bailar ainda nas palpebras humidas uma lagrima, uma sentida lagrima de saudade...

—Reinaldo... então! Sempre a pensar...

—Viva. Eu sou um espectro... E um suspiro escapou-se-lhe pelos labios descarnados... Desculpei-me por o ter interrompido no seu meditar e puxei uma cadeira. Estivemos em silencio alguns minutos e elle acabou por me falar:

—Tu sabes por que me deixei ficar por aqui sempre, porque vi

vo entre os livros e seria escusado talvez lembrar-te o grande amor que dediquei a essa mulher que não conheceste. No entanto sei que tu não tens noticia da parte principal d'essa paixão louca. Ninguem a tem!...

Mas agora vaes tê-la e só com duas cartas d'ella; unicas reliquias d'esse amor primeiro, unicas companheiras da minha solidão... Tu sabes como Rosa veio parar aqui e sabes que vivia naquella casinha toda branca no meio d'um jardimzinho... Vê-se melhor do cotovelo da estrada, além, na ponte velha. Não se sabe de onde veio, o que eu sei, é que o seu olhar maguado, o seu semblante pallido enlouqueceram-me, e todas as noites tinha de passar lá para a cortejar, para admirar o seu misto de tristeza e de bondade...

A principio pareceu-me uma neurasthenica; não se importou commigo... Por fim um dia comprehendí que a fazia chorar... Eu ti-

nha-me declarado, ella não havia respondido uma palavra, e quando acabei de falar, vi-a fugir da janella compungida, com grandes lagrimas a rolarem-lhe pelas faces maceradas...

Retirei-me surprezo e no dia seguinte recebi a primeira das duas cartas que te vou mostrar... Reinaldo foi então remexer um contador de pau santo que repousava cheio de pó a um dos cantos da sala. Fez tremer sobre elle um grande jarrao da China e apoz um instante entregou-me a carta que era um papel amatellado com as letras desbotadas... via-a e parece-me que estou ainda a relê-la e a sentir a commoção de pezar que tal leitura me fez...

Dizia assim:—Senhor. Quando me falava adivinhei que me havia de dizer coisas bonitas, muito bonitas. Talvez até me dissesse que sentia por mim uma sympathia, quem sabe?... amor, talvez... Mas desgraçadinha que não posso ouvir as phrases ardentes d'um

apaixonado que se digna olhar-me e retribuir tambem com palavras lisongeiras esse mesmo affecto, vejo-me na triste necessidade de confessar-lhe a minha suprema desventura! E digo assim porque não ha nada mais doloroso do que ver alguém a falar sem que eu o possa ouvir e ás vezes vê-la tambem num sorriso de mofa a escarnecer da minha desgraça...

Só posso amar, senhor; ser amada não...

Posso falar com as estrellas do ceu, porque é a minha alma que fala... Posso contar meus sonhos ás florinhas dos prados, porque é o meu pensamento que lh'os diz; mas ao senhor, não. Não sou insensivel ao amor, sou mulher, tenho coração, mas não posso falar...

Eu nunca lhe poderia dizer a sorrir que era feliz, como nunca poderia ouvir uma palavra de amor. Sou surda-muda...

O senhor com certeza não quer amar uma mulher assim... Dei-

ma e munições, não tardando que o encarregasse de fazer serviço de vedeta.

O «Príncipe» tomou parte também nos assaltos á cervejaria Jansen, e á Escola de Guerra, fazendo parte do grupo do aspirante Lança, que o escolheu para com mais dois individuos o acompanharem ao Arsenal, quando se reconheceu que havia necessidade de reclamar um reforço de homens.

Durante a revolução, o «Príncipe» encontrou-se com os seus companheiros, um dos quaes lhe propoz irem a Almada matar o antigo administrador, sr. Manoel Bernardo, e o carcereiro Jeronymo Coelho. Para alli se dirigiram, não tendo posto em pratica o seu intento, etc.

Vê-se mais uma vez que durante aquelles dias de febre se distribuíram armas a esmo, sem haver o necessario cuidado de reconhecer a idoneidade dos petiçãoarios de armamento.

Ha tempos o Mundo publicou um retrato de um denodado revolucionario, um tal Antonio Carlos Correia, que afinal não passava de um authentico facinora, actualmente preso por assassino. Agora apparece o Príncipe. O ensinamento a tirar d'estes factos, é que no 14 de maio não houve o sufficiente cuidado na distribuição do armamento, e que de envolta com authenticos revolucionarios, que apoz o movimento entregaram as suas, foram muitos bandidos que desapareceram com arsenaes de armamento, que os habilita a perpetrarem todos os crimes.

Rusgas e muitas rusgas, são o remedio unico que conhecemos, se se quizer velar pela segurança individual dos elementos ordeiros.

CONTOS MORAES

O MEDO

Nada ha neste mundo peor do que ser medroso; o medo leva o medroso muitas vezes á morte. A maior parte dos desastres são originados na indecisão, que é filha do medo. Uma pessoa possuida de panico, vae precipitar-se precisamente no perigo que queria evitar.

No incendio d'um theatro, por exemplo, se todas as pessoas que lá estavam tivessem o sangue frio necessario para pensar que, por muito depressa que o theatro ardesse, ainda assim precisaria de quatro vezes o tempo necessario para todos sahirem, ninguém lá morreria. Mas não: cada um cuida que em cada theatro ha um paiol de polvora, e que tão depressa o fogo se manifesta, logo

o theatro vae pelos ares. D'ahi o desastre. Tão depressa se dá a voz de fogo, como logo todos os espectadores se levantam e se precipitam de olhos fechados para as sahidas, onde se esmagam, se comprimem, se asphixiam. Outros então, de tal forma se desorientam, que não atinam com a sahida. Outros atiram-se dos camarotes ou das janellas abaixo, sem pensarem que se esperassem dois ou três minutos, teriam a passagem livre, e não iriam partir as pernas ou a cabeça.

Na maior parte dos atropelamentos por carros e automoveis, é ainda o medo o causador do desastre. O medroso vê ao longe o automovel, e ainda que vá por uma beira da estrada, por onde não é provavel que o automovel o vá encontrar, a primeira coisa que lhe lembra é fugir; ainda se fugisse para fora da estrada, vá, mas não, o que elle faz, é exactamente o contrario: é atravessar a estrada para o outro lado. D'ahi, o ser colhido.

Outro então, tem medo da trovoadá, e para fugir ao perigo que ella lhe faz correr, vae exactamente para os sitios mais perigosos, que é para debaixo das arvores por exemplo; mas este ainda tem uma certa desculpa, porque nem toda a gente sabe que o raio prefere sempre os sitios mais elevados para cahir, como os cumes dos montes, e as casas e as arvores mais altas.

Outros então teem medo de morrer por falta de saude e consomem o tempo e a imaginação em busca de doenças que não existem, e o dinheiro em drogas medicinaes, e julgando que com os seus cuidados prolongam a existencia, não fazem mais do que abreviá-la, com a variedade de venenos que tomam.

Outros teem medo dos homens e dos animaes, sem pensarem que os outros homens e os animaes nem todos são valentes e maus, senão deante dos fracos, e que a maioria se submeterá facilmente, pela astucia ou pela coragem.

Outros então, os hypocritas! chamam ao medo prudencia, sem saberem ou sem se lembrarem, que a prudencia é virtude exclusiva dos fortes.

O homem prudente é o que evita o perigo e lhe foge, mas não de olhos fechados como o medroso, mas com elles abertos para o evitar podendo ser e para lhe fazer frente se o não poder evitar, accumulando de antemão os elementos necessarios para a sua defeza e habilitando-se a servir-se d'elles em seu proveito.

O Japonez tem causado á admiração do mundo, pela maneira porque, elle tão pequeno, se defende, por exemplo, do colossal alemão. Ora na constituição physica do Japonez, não entram elementos diferentes dos que entram

na constituição dos outros povos. Simplesmente o japonez não tem medo.

Mas como é prudente, e como sabe que numa lucta corpo a corpo com um homem duas vezes maior em corpo e dez vezes superior em força, ficaria fatalmente esmagado, em lugar de fugir, como fugiriam nas mesmas condições, ó tu que me lêes, amigo Japonez tomou uma resolução muito mais sensata e muito mais digna: conscio do perigo, estudou a maneira de o conjurar, e conseguiu-o.

Chamando em seu auxilio todas as suas faculdades e empenhando-as num fim unico—vencer, auxiliando-se de uma arte maravilhosa, de combater, o pequeno Japonez zomba dos maiores colossos humanos.

A Suissa, esse pequeno paiz encravado entre a França, a Alemanha e a Italia de tal modo, que se qualquer d'estas potencias um dia se lembrasse de se espreguiçar, de certo a esmagaria, vive muito socegada no meio das suas poderosas vizinhas, certa de que ellas terão todo o cuidado em a não incommodar. E não se imagine que é por galanteria ou generosidade, não; as nações poderosas assim como os homens poderosos, não são dados a sentimentalismo. Ellas não estendem os braços nem as pernas para cima da Suissa pela mesma razão porque nós nos não deitamos em cima de um ouriço-cacheiro—porque temos medo de nos picar.

Ora nós ainda podemos arradar com o pé o ouriço e deitar-mo-nos depois, mas a Suissa, essa está tão agarrada á terra, que ninguém a tira do sitio, de modo que, se os vizinhos se quizerem estender, tem de se virar para o outro lado.

Ora façamos nós todos individualmente como o Japonez e collectivamente como a Suissa e depois, em lugar de ir-mos recuando de cocoras, como tantas vezes, infelizmente! temos feito, com o risco de dar um grande e ridiculo trambolhão, levantarmos-hemos, grandes, fortes e dignos, conscios da nossa força e do nosso direito.

E desenganemo-nos que neste mundo, uma das coisas que mais se impoem, ainda, é a consciencia da força e da dignidade proprias.

NOTICIARIO

«A Nação» e o «Jornal da Noite»

Reapparecem brevemente, até que a estes senhores não lhes dêna veneta para os assaltar, os nossos queridos e honrados collegas da

capital «A Nação» e o «Jornal da Noite», que tão superiormente são dirigidos pelos nossos illustres amigos e valorosos jornalistas monarchicos snrs. João Franco Monteiro e Rocha Martins, a quem as causas da Patria e da Liberdade, muito devem.

Affectuosos cumprimentos enviamos aos nossos queridos collegas, saudando nelles todos os nossos collegas supprimidos por essa gentinha, que dizendo-se liberal não é mais que a guarda avançada da demagogia que infelizmente continua a imperar em Portugal.

Officina de S. José

Donativos recebidos nesta casa de caridade durante a ultima quinzena de Junho:

D. Laurinda Moniz, 50000; Elycio Teixeira de Carvalho, 50000; Antonio Vieira d'Anrade, 20000; Anonymos, 10500; Uma anonyma, 20500; Dr. Henrique Cardoso de Menezes, para melhorar o jantar do dia 29, 50000; José Antonio Fernandes Guimarães, 100000; Anonymo, 100000; Commissão das festas em honra do snr. Arcebispo Primaz, 120580; Anonymo, uma pipa de vinho e alguns cartos de lenha; Luiz Cardoso de Menezes e Ex.^{ma} Irmã, batatas, feijão e arroz; D. Bertha Bellino, um cabrito; Anonymo, alguns kilos de toucinho; Anonyma, um cesto de laranjas e outro de cerejas; José Marques Coelho e Ex.^{ma} Esposa, do Porto, uma arroba de bacalhau, outra de arroz e 5 kilos de assucar; D. Maria Gomes dos Santos Portella, duas razas de feijão e uma anonyma 10 fatos de cotim.

Entraram mais 2 internados para a Officina. Já vigoram as officinas de alfaiataria e encadernação, começando breve a de typographia. O trabalho para os jovens aprendizes, é a melhor esmola que se lhes pode dar.

Exames

Fizeram ha dias exame do 1.^o grau, obtendo a honrosa classificação de distinctas, as meninas Maria da Conceição Martins de Menezes d'Abreu de Lima e Maria do Carmo Martins de Menezes d'Abreu de Lima, filhas queridas da ex.^{ma} snr.^a D. Constança Victoria d'Abreu de Lima e sobrinhas do nosso director, snr. Antonio de Carvalho Cyrne e do illustre tenente, snr. João d'Abreu Lima.

A's jovens examinandas e ex.^{ma} familia, as nossas sinceras felicitações pelo brilhantismo com que se houveram no seu primeiro exame.

vêr o soffrimento d'uma mulher nova, d'um botão a desabrochar? Cahi nos braços do pobre Reinaldo e ouvi tremulo, commovido, a historia até final.

Contou-me que fora lá. Ella esperava-o debaixo d'uma latada coberta de uvas brancas... Estava sentada, respirando a custo, tendo no regaço um ramo de flores meio murchas que olhava com tristeza. Comparava-se talvez com ellas... Elle ao depará-la sentiu uma commoção forte, pois nada reffloria já naquella mocidade decrépita... Só brilhavam ainda os olhos nas faces de cera e nada mais existia d'aquella mulher formosa que passava os dias olhando com melancolia para os vales de matiz... Reinaldo não falou... Alli somente falava a alma... Fitaram-se, ella tentou pronunciar o quer que fosse... Não lhe foi possivel, e congestionada, chorando, despediu-se d'elle com um beijo, de amor... Ella soube falar nesse beijo ardente, porque tradu-

Aos Proprietarios e Lavradores

Somos informados de que com as noites frias que vão correndo, tende a desenvolver-se assustadoramente o mildio e outras molestias para que é recommendada a applicação da calda de sulfato de cobre.

No interesse dos Proprietarios e Lavradores d'este concelho, novamente recommendamos o uso das caldas pobres de sulfato de cobre, cujo optimo resultado, verificado por aquelles que já as teem empregado, é motivo bastante para a procura da caseira já preparada ou em leite, que se vende na «Cooperativa de Lactínicos».

Faiança das Caldas

Amanhã, pelas 9 horas da noite, será inaugurada na Sociedade Martins Sarmento a exposição de faiança artistica das Caldas da Rainha.

Esta exposição, cuja entrada é livre, achar-se ha aberta ao publico até á meia noite, amanhã, e nos dias seguintes estará patente desde a 1 ás 6 da tarde e das 9 ás 11 da noite.

Escola de Azurem

A illustre professora da escola official de Azurem, snr.^a D. Laura de Souza Machado, submetteu a exame do 1.^o grau doze creanças que foram classificadas seis com distincção e seis com bom.

Distincta como as que mais o são, a professora snr.^a D. Laura Machado, honra sobremaneira a classe a que pertence, alliando á sua muita competência um notavel zelo pelo ensino dos seus alumnos e alumnas.

Cordealmente felicitamos a illustre professora tornando extensivas as nossas felicitações ás creancinhas e a seus paes.

Theatro D. Affonso Henriques

Hoje, ás 9 1/2 horas da noite, teremos no nosso primeiro theatro uma sessão de cinematographo, com a exhibição de 9 interessantes pellicolas, entre as quaes a Formosa Bretã, colorida, drama em duas partes.

Machinas de Costura «Singer», e outras marcas

Vendem-se a 500 réis semanaes ou a dinheiro, com grandes descontos, em Guimarães

Benjamin de Mattos

com estabelecimento de fazendas, bicycletas e seus accessorios. TOURAL, 105.

xe-me chorar portanto com as minhas flores, e diga antes essas phrases bonitas, cheias de enthusiasmo, a quem as possa ouvir. No entanto eu comprehendio-o e acalento uma illusão...

Mas de que vale uma illusão se não posso ter uma esperança?... Adeus, Rosa». — Acabei de ler a carta e revi essa mulher, revolta, fazendo um esforço inaudito para articular uma palavra e via-a cahir exausta, num choro convulso, sobre uma cadeira de espaldar, maldizendo a sua desditosa sorte... E parecia-me vê-la semi-morta com o olhar maguado a queter traduzir o que lhe ia na alma, a queter soltar um som que synthetizasse um amor infindo...

Como devia ser infeliz! Quasi chorei...

Não achei coragem para lhe pedir que continuasse e por alli ficamos se elle, ainda commovido, não o fizesse d'esta maneira:

—Soffri muito porque amar uma mulher que não pode nunca abrir a boca vermelha em gorgeios primaveris é como que somente amar uma estatua... Mas essa estatua tinha um coração de fogo... e eu depois d'essa carta escrevi-lhe dizendo que a amava mais ainda pela sua desgraça e que me bastava a sua alma de anjo para ser feliz. Passei á sua porta muitas vezes e de todas a vi chorar... Era um martyrio para a pobre creança a minha presença, mas eu amava-a verdadeiramente...

Vi tambem que dia a dia ella se ia definhando e umas olheiras cavadas fundo traduziam um soffrer immenso. Não nos correspondiamos mas o certo é que nos amavamos, soffrendo... Um dia, quando se extinguiram os ultimos raios de sol doirado recebi então essa segunda carta que é um grito de alma, uma maldição.

Reinaldo passou-me uma segunda missiva dizendo-me:

—Lê. E eu li:

—Reinaldo: Maldita a vida que me mostra somente a felicidade. Eu amo-te muito, mas deves ter por mim unicamente compaixão, porque se me dedicasses tambem amor devia aborrecer-te... Sou uma doida, uma defeituosa... Sinto dentro da alma um turbilhão de palavras que querem sahir mas que se extinguem, que se estiolam como uma violeta de baixo d'um sol ardente, ao chegar aos labios... Queria dizê-las, que tu as ouvisses, mas não sae mais que um som confuso que ninguém entende, que nada diz...

Que desgraça a minha! Agora tenho tosse, muita febre. Parece-me que esse esforço não fez mais que levar-me ao aniquilamento, á sepultura... Peço-te no entanto que venhas cá. Nunca pude balbuciar a palavra amor, mas talvez te possa dizer adeus para sempre! Rosa.

Ao acabar de lêr, chorei... E quem é que não chora ao

ziu todo o affecto puro d'um coração sentimental...

Reinaldo retirou-se dizendo-lhe adeus por muito tempo ainda...

Depois concluiu assim: —Não a tornei a vêr. Uma tarde vi um enterro a caminho do cemiterio e soube que era o meu primeiro amor que tinha passado ao Além... O golpe foi profundo e ha quatro annos que a recordo com o sol-poente e lhe vou depor flores na sepultura...

Não deixo nunca esta terra; é aqui que jaz a minha primeira chimera porque eu amei-a, ameia-a muito...

E' certo que nunca lhe ouvi a palavra amor, mas senti-o naquelle beijo...

E o pobre Reinaldo todas as tardes com o busto esguio sobre o parapeito da janella gothica fala com um poente rubro que lhe tinge de sangue as faces macilentas...

Mercearia e Confeitaria Andrade
32, Largo da Oliveira, 33
Guimarães

Virgilio Vieira d'Andrade participa a todos os seus amigos e aos freguezes habituaes da casa, que acaba de tomar de trespasse a antiga Confeitaria Fernandes, ao largo da Oliveira, onde todos encontrarão completo sortido de artigos de mercearia de 1.^a qualidade, e de confeitaria, como: sonhos, tortas, sardinhas de doce, pão de ló fabricado pelo systema de Margaride, frutas secas e caldeadas, etc., etc.

Recebem-se encomendas de doce de prato, o qual se fornece com a maxima perfeição e acceio.

Vinho tinto delicioso; cervejas e gasosas.
Apetitosos petiscos;
excellente queijo da Serra e flamengo.
Travessa do Monte Pio, á Senhora da Guia.
Preços rasoaveis.

Manual Annotado

DAS
JUNTAS DE PAROCHIA CIVIL

ELABORADO EM HARMONIA COM A LEI N.º 88,
REGULANDO A ORGANISAÇÃO, FUNCIONAMENTO, ATRIBUIÇÕES
E COMPETENCIA DOS CORPOS ADMINISTRATIVOS

CONTÉM:

A referida lei com annotações na parte respeitante ás juntas de parochia, as tabellas dos emolumentos, e sellos, indicações sobre a contribuição industrial e o novo systema monetario organisação de orçamentos e contas, e todos os modelos indispensaveis para o funcionamento dos mesmos corpos administrativos, etc.

POR

DIONISIO DUARTE

Secretario da Administração do Concelho de Castro Daire

1.^a EDIÇÃO

E'um guia pratico para todos os que se acham em contacto com os corpos administrativos.

PREÇO 300 RÉIS.

A' venda nas livrarias.

Almanach para Todos

2.^o anno de publicação

Com uma linda capa e impresso em bom papel o Almanach para todos é o melhor que se publica no seu genero e preço. Contém além do calendario, muitas e diversas indicações e uma parte litteraria cuidada.
48 paginas em bom papel, pelo modico preço de 20 reis, pelo correio mais 5 reis de porte A' venda em todo o paiz e na

CASA CATHOLICA

DE

Almeida, Miranda & Souza, Limitada

133, R. dos Poiaes de S. Bento, 135

LISBOA

LIVRARIA RELIGIOSA

Annexa á

Papelaria e Typographia Minerva Vimaransense

68, Rua de Payo Galvão, 72

GUIMARÃES

LIVROS A VENDA:

Os Beneficios da confissão, por F. J. d'Ezerville, accommodation portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz. Um volume de 60 paginas, em 8.^o:
Em brochura 50 réis
Cartonado 100 "

As Bem-aventuranças evangelicas postas ao alcance de todos, pelo Padre Deville, Doutor em Theologia. Tradução do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz. Um volume de 64 paginas, em 8.^o:
Em brochura 50 réis
Cartonado 100 "

Conselhos sobre a educação, segundo o Veneravel Sarnelli. Accommodation portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz. Um vol. de 112 pag., em 8.^o:
Em brochura 100 réis
Cartonado 160 "

Por que não haveis de commungar todas as manhãs em que ides á Missa? Opusculo altamente louvado por S. Santidade Pio X, traduzido pelo Padre José Lopes Leite de Faria e publicado com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz. 32 paginas, em 8.^o-2.^a edição:
Avulso, franco de porte. 30 réis
Para propaganda, por cada 10 exemplares, pelo correio, 225 réis. De 100 exemplares para cima, cada um, franco e porte, 20 réis.

Officio da Immaculada Conceição, texto portuguez, com approvação ecclesiastica. Um folheto de 32 paginas, em bom papel:
Preço 20 réis
Pelo correio, por cada 5 exemplares 10 "

Pedidos acompanhados da importancia, a Antonio Luiz da Silva Dantas.

NINHARIAS

POR

José de Azevedo e Menezes
Refutação documentada dos erros commettidos pelo sr. Anselmo Braamcamp Freire nos seus estudos publicados acerca dos Farias, de Barcellos.

A' venda na Papelaria e Tabacaria Lemos, Rua da Rainha.
PREÇO 800 RS.

"Portugal Filatelico"

Interessante revista mensal illustrada muito util aos colleccionadores de sellos e postaes illustrados. Larga informaçao e muito divulgada em todos os paizes.

Assignatura por anno 400 reis.

Todos os colleccionadores devem pedir hoje mesmo um numero «specimen» que se remette gratis.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração: Campo de Sant'Anna, 110—Braga. (6)

**NOVA OFFICINA DE LATOARIA
E FUNDIÇÃO DE METAES**
— DE —
GUIMARÃES & LOBO

122, Rua D. João I, 124
GUIMARÃES

Encarregam-se de canalisações para agua e gaz, interiores e exteriores, tanto em chumbo como em ferro, e todos os trabalhos da sua arte, tanto nesta cidade como fóra
Executam trabalhos em metal, taes como:
Lanternas e gazometros para automoveis, em cobre; alambiques para destilações, tanto antigos como modernos; e em chapa de ferro estanhada e por estanhar e fundição de metaes.
Garante-se a solidez e perfeição.

Fabricação de alambiques e aparelhos em todos os systemas
Compram e vendem metaes velhos de todas as qualidades

CARVÃO COKE

importado da Fabrica do Gaz de Braga

Tabella de preços

Por cada 900 kilos (um carro)

16\$500 réis.

Por cada 15 kilos (uma arroba) 300 réis

Vendas a dinheiro—Peso garantido

O preço por carro acima indicado é posto em casa do consumidor

**VENDE-SE NESTA CIDADE
EM CASA DE**

Fernando d'Almeida

ACABA DE APPARECER:

ALMANACH DE "A FÉ CHRISTÁ,"

para 1915

3.^o anno de publicação

Explendida publicação contendo numerosas photogravuras, distincta colaboração em prosa e verso, charadas, enigmas, pensamentos, scenas mudas e uma serie de indicações de utilidade, que tornam o Almanach uma obra digna de toda a acceitação e que os catholicos portuguezes jamais devem deixar de adquirir.

O Almanach é o livro de maior consulta e o melhor amigo para nos entreter, alegrar e instruir.

Como nos annos anteriores o Almanaque da "Fé Christá," é illustrado com uma capa a duas cores.

A' venda em todo o paiz

Ao preço de 150 reis br. e 200 enc. pelo correio mais 20 reis de porte

Echos de Guimarães

PUBLICAÇÃO SEMANAL

PREÇO DA ASSIGNATURA
(Pagamento adiantado)

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES
(Pagamento adiantado)

Portugal, Ultramar e Hespanha	Annuncios e communicados, linha	40 rs.
Anno	Repetições, por linha	20 "
Semestre	Permaentes, contracto convencional.	
Trimestre	Reclamos, no corpo do jornal, até	
Estados U. do Brazil (anno)	5 linhas, cada um	100 "
Paizes da União Postal	Annunciam-se as publicações que o mereçam, mediante um exemplar gratis.	
Numero avulso	Annuncios, não judiciaes, para os srs. assignantes, 25 % de abatimento.	

P. LUIZ DIAS DA SILVA

**SERMÃO DA IMMACULADA
CONCEIÇÃO**

prégado na igreja matriz de Fafe, em 8 de Dezembro de 1912; acaba de ser editado num elegante opusculo, precedido da narração do

interessante episódio
que determinou a sua publicação.

PREÇO, 60 RS.
Pelo correio 65 rs.

Pedidos á Typ. Minerva Vimaransense
R. Payo Galvão—Guimarães.

Echos de Guimarães

II Anno

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Num. 69

Ex.^{mo} Snnr.